

# Brasil, Argentina e o Cone Sul

Por José Luís Fiori

*Valor Econômico*, 26.3.2014

**O sucesso dessa nova aliança será sempre considerado como uma "linha vermelha" para os interesses dos EUA.**

A extensão da bacia hidrográfica Rio do Prata e a imensa fertilidade de suas terras explicam, em boa medida, a importância estratégica do Cone Sul dentro do sistema internacional. A Bacia do Prata constitui uma região geoeconômica plana, contínua e relativamente homogênea, que atravessa fronteiras e integra partes importantes dos territórios argentino, uruguaio, paraguaio e boliviano, e do próprio território brasileiro, banhado pelo rio Paraná e pelos seus afluentes, Parnaíba, Grande, Tietê e Paranapanema. Essa região de enorme potencial econômico, foi transformada num só tabuleiro geopolítico, pelas "guerras de independência", e pelas "guerras platinas", que se sucederam até a segunda metade do século XIX, culminado com a Guerra do Paraguai, que marca o início da competição secular entre a Argentina e o Brasil, pelo controle do Cone Sul. Um século, exatamente, em que a Argentina se transformou no primeiro grande "milagre econômico" da América do Sul, entre 1870 e 1940; e em que o Brasil se transformou no segundo grande "milagre econômico" do continente, entre 1937 e 1980, completando ao final, mais de cem anos de alto crescimento contínuo, dentro de uma mesma região, algo absolutamente incomum na história do desenvolvimento capitalista.

O "take off" do "milagre econômico" argentino ocorreu logo depois da Guerra do Paraguai e da unificação definitiva do Estado argentino, na década de 1860, e obedeceu à uma estratégia geopolítica claramente expansiva e de disputa pela hegemonia do Cone Sul com o Brasil e o Chile. Essa estratégia orientou, desde o início, as guerras argentinas de conquista territorial do oeste e do sul, assim como seu desenvolvimento econômico e sua aliança quase incondicional com a Inglaterra.

Entre 1870 e 1930, a economia argentina cresceu a uma taxa média anual de cerca de 6%; no início do século XX, a Argentina havia se transformado no país mais rico do continente sul-americano, e na sexta ou sétima economia mais rica do mundo, com uma renda per capita que era quatro vezes maior que a dos brasileiros e quase o dobro da dos americanos, naquele momento. Nessa hora, a Argentina teve todas as condições para se tornar a potência hegemônica da América do Sul e importante potência econômica mundial.

Mas não foi isso que aconteceu depois de 1940, quando a Argentina entrou num longo processo entrópico de divisão social e crise política crônica ao não conseguir se unir em torno de uma nova estratégia adequada ao contexto geopolítico e econômico criado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, pelo declínio da Inglaterra e pela nova supremacia mundial dos Estados Unidos.

Como se fosse uma sequência ou consequência quase direta dessa desaceleração argentina, o Brasil viveu o seu próprio "milagre econômico" - entre 1937 e 1980 - orientado por uma estratégia igual e contrária, de resposta e superação do desafio argentino, por meio de uma política de rearmamento das Forças Armadas e de desenvolvimento e industrialização da economia brasileira. Essas ideias foram

elaboradas e amadurecidas durante as duas primeiras décadas do século XX, mas só foram implementadas de forma sistemática e consistente a partir da década de 30, quando a economia brasileira cresceu à uma taxa média anual de 7%, ultrapassando a Argentina e transformando-se na principal economia da América do Sul.

Mas esse quadro favorável e de crescimento contínuo foi alterado pela crise econômica e pelas mudanças geopolíticas da década de 70, quando o governo brasileiro foi obrigado a redefinir sua estratégia de inserção internacional e sua própria política de desenvolvimento econômico. Foi nesse momento que o governo militar do general Geisel propôs a transformação do Brasil numa "potência intermediária" e num "capitalismo de Estado". Mas esse projeto dos militares brasileiros foi atropelado pela política externa, pela política econômica internacional dos Estados Unidos e pela oposição de uma parte das elites que haviam apoiado o regime militar.

Nessa história, é importante entender que os "milagres econômicos" da Argentina e do Brasil, nos séculos XIX e XX, foram orientados por duas estratégias opostas de competição econômica e militar pela hegemonia do Cone Sul. Essas estratégias foram formuladas internamente, mas acabaram sendo estimuladas e instrumentalizadas pela Inglaterra e pelos EUA, como forma de equilibrar as forças e neutralizar o poder expansivo do próprio Cone Sul.

Desse ponto de vista, o novo projeto do Brasil e da Argentina, de construção de uma "zona de co-prosperidade" e de um bloco de poder sul-americano, é, de fato, uma revolução na história do Cone Sul. Mas trata-se de uma estratégia que só poderá ter sucesso no longo prazo e que enfrentará uma oposição externa e interna, ferrenha e permanente, dos EUA e dos partidários locais do "cosmopolitismo de mercado". Nesse ponto não há como enganar-se: todo e qualquer sucesso dessa nova aliança e dessa nova política do Brasil e da Argentina será sempre considerado como uma "linha vermelha", para os interesses dos EUA e de sua rede de apoios dentro do continente, defensora da submissão estratégica e econômica da América do Sul à política internacional dos Estados Unidos.